



Viagens mentais de autores italianos pela América Latina nos séculos XVII e XVIII: conotações autobiográficas, culturais e psicológicas

Mental journeys of Italian authors in Latin America in the seventeenth and eighteenth centuries: autobiographical, cultural and psychological connotations

Marina Massimi

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

A nova configuração do mundo da Idade Moderna levou os intelectuais europeus a deslocamentos mentais, indicados por diversas expressões, tais como viagem espiritual, viagem mental, viagem imaginária. Neste artigo, propomos três exemplos desse processo, através da análise de escritos autobiográficos, anotações e ensaios de três autores italianos: Federico Borromeo (1564-1631); Ludovico Antonio Muratori (1672-1750); Gian Rinaldo Carli (1720-1795). Os três autores, de modos diferentes, se referem à viagem entendida como deslocamento mental e realizada pelo emprego de alguns processos psicológicos, especialmente a imaginação. Nosso objetivo é analisar o significado que a viagem entendida como deslocamento mental assume no contexto biográfico e no universo histórico cultural de cada autor; e a significação psicológica das expressões viagem espiritual, viagem intelectual, viagem mental, por eles empregadas, à luz dos saberes psicológicos da época em que elas foram formuladas.

Palavras-chave: viagens mentais; teorias da imaginação séculos XVII e XVIII; Federico Borromeo; Ludovico Antonio Muratori; Gian Rinaldo Carli

Abstract

The new configuration of the world in the modern age led European intellectuals to mental shifts indicated by various expressions, such as spiritual journey, mental journey, imaginary trip. In this paper, we propose three examples of this process, based on the analysis of autobiographical writings, notes and essays written by three Italian authors: Federico Borromeo (1564-1631); Ludovico Antonio Muratori (1672-1750); Gian Rinaldo Carli (1720-1795). The three authors referred in different ways to the journey, understood as a mental shift performed by employing some psychological processes, especially the imagination. Our goal is to analyze the meaning that this journey understood as mental shift assumes in the biographical context and in the cultural universe of each author; and the psychological significance of the expressions used by them, such as spiritual journey, intellectual journey and mental journey, in the light of psychological knowledge of the historical period in which they were formulated.

Keywords: mental journeys; imagination theories of the seventeenth and eighteenth centuries; Federico Borromeo; Ludovico Antonio Muratori; Gian Rinaldo Carli

A curiosidade pelos “novos mundos” solicitou, de formas muito diversificadas, os intelectuais europeus dos séculos XVII e XVIII. Em muitos casos, levou a deslocamentos geográficos e a imaginar projetos de vida a serem efetivados naqueles contextos desconhecidos e desafiadores: é o caso, por exemplo, dos jovens autores das cartas *Indipetae*,



analisadas em vários textos (Souza & Massimi, 2002; Massimi & Prudente, 2002; Barros & Massimi, 2005; Pacheco & Massimi, 2005; Massimi, 2014; Colombo & Massimi, 2014). Em outros casos, essa curiosidade levou a um repensamento das categorias conceituais e dos horizontes de pensamento do próprio mundo da vida. De todo modo, essa curiosidade acarretou grandes transformações no que diz respeito à percepção da alteridade, como também levou a repensar a própria identidade, conforme evidenciado por vários autores (Todorov, 1983; Margarido, 1984; Mazzoleni, 1986). Assim, a nova configuração do mundo obrigou os europeus, quando não a um deslocamento físico, a um deslocamento mental, indicado por alguns autores por diversas expressões, tais como viagem espiritual, viagem intelectual, viagem mental, ou viagem imaginária.

Queremos, neste artigo, propor três exemplos desse processo que é, ao mesmo tempo, psicológico e cultural, por meio da análise de escritos autobiográficos, anotações e ensaios de três autores italianos: Federico Borromeo (1564-1631), prelado episcopal da cidade de Milão e figura de grande relevância do ponto de vista intelectual; Ludovico Antonio Muratori (1672-1750), famoso ensaísta e autor de um livro sobre as reduções jesuíticas do Paraguai, que logrou na época grande sucesso editorial; Gian Rinaldo Carli (1720-1795), intelectual e político autor de um ensaio na forma literária de epistolário, dedicado ao mundo inca – por ele tido como sistema exemplar. Os três autores, de modos diferentes, se referem à viagem entendida como deslocamento mental e realizada pelo emprego de alguns processos psicológicos, dentre os quais a imaginação. Nosso objetivo será analisar o significado que esta expressão assume no contexto biográfico e no universo histórico cultural de pertença de cada um deles; bem como a significação psicológica desta expressão à luz dos saberes psicológicos da época em que ela foi formulada. De fato, a perspectiva metodológica da história dos saberes psicológicos busca reconstruir o processo de desenvolvimento de conceitos fundamentais da psicologia, anterior ao advento da psicologia científica, em outros domínios de conhecimento (filosofia, medicina, retórica e teologia).

As viagens espirituais de Federico Borromeo

Federico Borromeu, nascido a Milão (Itália) em 1564, membro da importante família dos condes Borromeo, foi educado aos cuidados do primo Carlo, o famoso arcebispo de Milão, canonizado pela Igreja católica e uma das figuras de destaque da Reforma católica tridentina (Massimi, 2011). Aos quatorze anos de idade, Federico estudava em Bolonha aos cuidados do cardeal Paleotti, autor do tratado *Discorso intorno alle immagini sacre e profane* (1582). O primo Carlo afastou o jovem Federico do propósito de entrar na Companhia de Jesus que tanto admirava e o orientou para a carreira eclesiástica. A partir de 1586, Federico viveu em Roma, sendo nomeado cardeal no ano sucessivo. Permaneceu em Roma até 1595, onde estabeleceu uma profunda amizade com Filippo Neri. Em 1595, regressou a Milão,



nomeado arcebispo da cidade lombarda onde desempenhou significativo papel religioso, cultural e político. Seu governo episcopal, ao longo de trinta e seis anos, foi inspirado no modelo de Carlo Borromeo, valendo-se de um núcleo de colaboradores, realizando visitas pastorais na diocese, criando associações leigas e religiosas e seminários para a formação do clero. Suas relações com o governo espanhol – que na época dominava a cidade – foram sempre conturbadas, ao ponto de levar Federico a ausentar-se da cidade por alguns anos. As visitas pastorais de Federico no território extenso de sua diocese são lembradas por Alessandro Manzoni (1827/1905) no capítulo vigésimo segundo do romance *Os Noivos Prometidos* (*Promessi Sposi*). O registro da atividade pastoral de Federico encontra-se nos sermões por ele pronunciados e por ele mesmo transcritos: os *Sagrados Argumentos* (*Sacri Ragionamenti*) (1632-1646). De modo geral, na produção de Borromeo, é valorizada a dimensão contemplativa e mística. Cabe ressaltar que a política cultural por ele desempenhada em Milão o levou a criar a Biblioteca Ambrosiana, no ano de 1607. Aberta ao público desde 1609 até hoje, foi uma das primeiras instituições dessa natureza. Para sua construção e para a aquisição de livros e manuscritos, Borromeo investiu suas rendas pessoais, tornando “a edificação da Biblioteca um dos empenhos fundamentais de sua atividade de homem e de eclesiástico” (Prodi, 1971, s. p.). Para tanto, enviou seus colaboradores a arquivos e bibliotecas de Itália, França, Alemanha, Espanha, Grécia, Oriente. Desse modo, criou um acervo de acerca trinta mil obras impressas e doze mil manuscritos, provenientes do mundo judeu, árabe, sírio, etíope, persa, e da antiguidade grega e romana. A Biblioteca Ambrosiana tornou-se um dos maiores centros da cultura humanista. No projeto de Federico, além da Biblioteca, devia ser criada uma Academia de pesquisadores especialistas em diferentes áreas (na expressão de Borromeo: “*singuli singula*”) em contato com estudiosos da Europa inteira – vide *Constitutiones Collegii ac Bibliothecae Ambrosianae, Mediolani* (Borromeo, s. d.) Este grupo de pesquisadores devia difundir o conhecimento dos idiomas, especialmente das línguas orientais e das línguas árabe e armênia. Num período histórico marcado pela decadência das universidades, essa instituição devia contribuir para a reconstrução cultural da cristandade. Alguns anos mais tarde, em 1618, Federico criou também a Pinacoteca Ambrosiana doando todas as coleções de arte por ele possuídas e adquirindo novas peças; ele mesmo elaborou um inventário da Pinacoteca (Borromeo, 1625/1909). Fundou também, em 1620, a Academia de pintura, escultura e arquitetura; e escreveu o *De pictura sacra* (Borromeo, 1624/1932).

Essas informações, acerca da biografia de Federico Borromeo, permitem uma melhor contextualização quanto à sua visão de viagem e especialmente de “viagem espiritual”, expressão esta que comparece em um conjunto de anotações por ele compostas e organizadas sob o título de *Para as viagens espirituais, ou seja, observações feitas nas viagens e ao ler viajantes* (*Per i viaggi spirituali o sieno osservazioni fatte nei viaggi e nel leggere viaggiatori* - Borromeo, s. d.). As anotações de Borromeo são inspiradas em viagens reais que ocorreram



durante as visitas na diocese; e em viagens imaginárias evocadas pelas leituras das narrativas de viajantes e missionários disponíveis em sua biblioteca. O autor afirma que, para compor suas “viagens espirituais”, segue método análogo ao empregado por Dante Alighieri na elaboração da Divina Comédia: dirigindo-se para um leitor hipotético, o orienta para que “ao imitar Dante, imagine os lugares vistos nas visitas e as aplique às viagens: desse modo, obterá grande variedade, invenção e vivacidade” (Borromeo, s. d. – *Per i viaggi*, f. 6v)¹.

Através do exemplo da construção dantesca da *Divina Commedia*, Borromeo propõe a operação intelectual por meio da qual a memória e a imaginação intervêm para permitir a apropriação das informações obtidas pela leitura da literatura de viagem. As imagens de lugares desconhecidos, evocadas pela leitura, enxertam-se nas lembranças de lugares já visitados².

A proposta de Federico evoca também o método inaciano da *compositio loci*. Com efeito, conforme demonstra Giuliani (2004), Borromeo utiliza-se desse método em várias pregações. Num pequeno texto, *Dispositio ad exercitia facienda* (Borromeo, s. d.), Borromeo aconselha ao fiel: “olhar para todas as pessoas e observar as circunstâncias que lhes acontecem, para obter proveito”; escutar “o que elas falam”, para depois sentir “com certo gosto, e olfato (...) a doçura e suavidade da alma repleta de virtude e de dons divinos”; e, por fim, “imaginar de apalpar e beijar os vestidos, os lugares, as pisadas, (...) daquelas pessoas”, para aumentar a “devoção, ou outro bem espiritual” (f. 6).

Borromeo afirma inspirar-se também no método usado por São Basílio³: “nas viagens seguia a maneira de S. Basílio no *Hexameron*, que desce ao particular (...) permanecendo sempre no universal” (Borromeo, s. d. – *Dispositio*, ff. 6v-7). Alguns textos tirados do *Hexameron* de Basílio ilustram o método a que Borromeo se refere. Em primeiro lugar, Basílio (séc. IV/1990) se dirige aos seus ouvintes para orienta-los no percurso que, a partir da consideração dos elementos da natureza, leva ao conhecimento de seu Criador:

Em uma noite serena, ao fixar o olhar nas belezas indescritíveis dos astros, pense no Artífice do universo, perguntando-se quem ornou o céu com tamanha variedade de flores, (...); e, ao longo do dia, observe com juízo atento as maravilhas do dia e através das coisas visíveis deduza as invisíveis. (p. 25).

O uso do raciocínio analógico permite a passagem do particular para o universal:

¹ Todos os textos em língua italiana citados neste artigo foram por nós traduzidos para o português.

² O estudo desses procedimentos no âmbito da retórica medieval é realizado por Bolzoni (2002).

³ Basílio de Cesareia (330-379), professor de retórica em Cesarea, após longa viagem retirou-se para o Egito junto a uma pequena comunidade de ascetas para os quais escreveu uma regra de vida monástica. A partir de 362, escreveu nove sermões, *Hexameron* (Basílio de Cesareia, séc. IX/1857) e treze homilias sobre os salmos. As primeiras, pronunciadas durante a quaresma, comentam o relato dos primeiros cinco dias da criação no livro do *Genesis* e refutam os sistemas filosóficos que interpretavam alegoricamente a Sagrada Escritura. Autor estudado no Concílio de Trento, Basílio foi um estudioso da natureza, da biologia, da zoologia e, sobretudo, nas homilias do *Hexameron* propõe um método de leitura do texto bíblico relacionado ao dado científico de sua época (Basílio de Cesareia, séc. IV/1990).



Pense na palavra de Deus que perpassa a criação e que deu início à Sua Obra e até hoje conserva sua eficácia e continua seu curso na direção do fim até a consumação do mundo; assim, como uma esfera que após ser empurrada numa superfície inclinada, devido à sua estrutura e à natureza do terreno, é levada na direção do declive, e não para, até encontrar uma superfície plana (Basílio, séc. IV/1990, p. 273).

Todavia, segundo Borromeo (s. d. - *Dispositio*), para que a construção retórica seja eficaz, “precisará evitar longas descrições, e sim [proceder] por rápidas passagens, evitando longos discursos; e não enaltecendo, mas simplesmente lembrando” (f. 7). É recomendável utilizar-se de argumentos “que não tenham teor de ficção” (7v). Assim, “é preciso evitar o relato de fatos inverossímeis e a descrição de lugares usando ficções imaginárias; pelo contrário, importa estarmos atentos aos sinais da natureza”. De fato, a fantasia leva o conhecimento fora do rumo, sem o apoio dos dados sensíveis e da memória. Na visão tridentina em que Borromeo se inspira, o uso da imaginação é importante, desde que sempre guiado pela referência aos fenômenos reais. Segundo os ditames da retórica aplicada à pregação religiosa da época, o uso das imagens (por exemplo, verbais, através das metáforas) estimula a imaginação. O tratado de Paolo Aresi, *Arte di predicare bene* (1611, citado por Ardissino, 2001), descreve o dinamismo psicológico do conhecimento por meio das imagens, capaz de representar objetos distantes como se fossem presentes. Os processos sensoriais estimulados por essas representações aproximam pela ação da imaginação os objetos representados, como se estivessem efetivamente ao alcance dos olhos e dos demais sentidos:

Quanto mais as imagens são sensíveis e movem o prazer pela vista, tanto mais podem mover o entendimento e permanecer impressas na memória. As imagens representam as coisas como se fossem sensíveis, como se fossem presentes e efetivamente vistas por nós. Por causa disto, possuem a força para suscitar nossa memória (Aresi, 1611, citado por Ardissino, 2001, p. 22).

A partir dessa concepção e instigado pela leitura da literatura de viajantes e missionários nos Novos Mundos e das *Relações Universais* de seu secretário Giovanni Botero⁴ (1592, 1595, 1596, séc. XVII/1895), Borromeo compilou vários pequenos tratados de geografia antropológica e outros textos sobre lugares comuns para a pregação com uso de temáticas referentes às viagens⁵. Dentre estes escritos, vários vertem sobre América Latina; e neles emerge uma modalidade peculiar de construção e transmissão das informações adquiridas acerca do tema: os Países do Novo Mundo, e especialmente a América Latina, são utilizados

⁴ Giovanni Botero (1544-1616), escritor político e jesuíta de 1560 a 1580, deixou a Ordem. A partir de 1582 tornou-se secretário de Carlos Borromeo e, mais tarde, a partir de 1585, de Federico Borromeo, com quem trabalhou ao longo de muitos anos até 1599, quando passou ao serviço de Carlo Emanuele em Turim. Atento leitor de Maquiavel e Bodin, redigiu a obra *Della ragion di Stato* (Botero, 1589/1997), em dez volumes; e *Relazioni universali* em quatro partes (Botero, 1592, 1595, 1596, séc. XVII/1895), orgânico estudo de geografia antropológica e política mundial. Esta obra se tornou um verdadeiro manual para formação dos políticos.

⁵ O historiador Aldo Albonico (1990) também frisou estes interesses do Cardeal Borromeo.



como *exempla*. Explicamos o significado desde processo. As muitas leituras trazem a Borromeo informações acerca da realidade latino-americana. E, por vez, Borromeo compila tais informações em alguns escritos elaborados conforme o método que ele costumava utilizar: a redação de anotações, as traduções dos textos lidos do latim para o italiano, a coleção de pequenos textos em forma de “silvas” (argumentos predicáveis) para a pregação. Assim Borromeo, além da redação de resumos das informações coletadas na leitura dos livros, tece reflexões e apropriações escolhendo temas úteis para a transmissão oral na pregação, tendo o objetivo de edificar nas virtudes seus ouvintes. Desse modo, o dado derivado da leitura como informação, ou conceito, é transformado em “*exemplum*”. É a palavra retoricamente ordenada segundo as normas da *ars praedicandi*, que permite a construção do *exemplum*.

Nessa operação intelectual, transparece a visão de mundo de Federico influenciada pelas matrizes teóricas próprias de sua formação intelectual: o neoplatonismo (especialmente o de Ficino); Aristóteles e Tomás; o neo-estoicismo; a teoria dos humores e dos temperamentos; a demonologia e a teologia; alguns *topoi* da cultura barroca como o ideal do equilíbrio, da harmonia, da moderação, alcançados por meio do dinamismo dos contrários, fruto do labor humano e da decisão da liberdade, necessários para a construção das virtudes (Giuliani, 2004). É considerável também a influência de dois personagens contemporâneos e próximos à Borromeo que muito escreveram na época acerca da realidade latino-americana: o cronista jesuíta Giovanni Pietro Maffei, autor das *Historie Del Le Índice Orientali* (1589), cujos exemplares constam na Biblioteca de Borromeo; e a obra monumental *Relazioni Universali* de seu secretário Giovanni Botero (1592, 1595, 1596, séc. XVII/1895). A leitura dessa obra inspira dez páginas da *Geografia universale*, texto escrito por Federico provavelmente entre 1591 e 1599⁶. Trata-se de resumo sintético dos tratados de Botero, como demonstra Albonico (1990) por meio de uma análise comparativa entre os textos da *Geografia* e a primeira parte das *Relazioni Universali* de Botero, o qual, como vimos, naqueles anos era secretário do Cardeal.

Outra compilação de textos do Cardeal Federico, *Miscellanea Annotationum variarum* (séc. XVII/1985) é a transcrição de textos dos missionários jesuítas F. Baltasar de Salas y Cornexos e Alonso Sánchez, possivelmente redigidos entre 1594 e 1595. Nestas notas, o Cardeal mostra-se especialmente interessado na geografia antropológica: ao referir-se aos indígenas latino-americanos – declaradamente inspirado nas observações de Salas – distingue entre populações propensas ao bem, ou ao mal, conforme suas opções morais. O interesse de Federico, porém, não é tanto pelos nativos em si, mas foca as influências do ambiente natural e do clima sobre a conduta moral das pessoas, algo confirmado pela observação de que também os estrangeiros, ao morar naquelas terras, adquirem os mesmos hábitos violentos dos nativos. Citamos suas palavras: “adquirem os costumes dos nativos e parece que o clima os determina. O padre Salas confessa de ter vivenciado motos de cólera

⁶ Borromeo, 1591-1599, ff. 66-77.



incríveis, que tem certeza nunca ter experimentado em outras partes” (Borromeo, séc. XVII/1985, p. 47). Nessas anotações, ainda se encontram observações retiradas da *Relatione de due padri che vengono dalla Nuova Granada*: os comentários de Borromeo se detêm sobre plantas, mas também sobre os sistemas mnemotécnicas dos Incas, os quais “conservam as suas memórias por meio de nós que fazem em algumas cordas marcadas com cifras e cores. E tal conhecimento é transmitido e ensinado como tradição, de modo semelhante ao que nós fazemos com as letras. Por estas cordas eles narram suas histórias” (p. 77). Por fim, na *Miscellanea* encontram-se referências à leitura da *Historia Natural y Moral de las Indias* do jesuíta José Acosta⁷, uma das fontes inspiradoras das *Relazioni* de Botero. Ao citar esta obra, Federico formula um juízo significativo acerca das mudanças de percepção do mundo dos europeus, causadas pelas viagens no além-mar: “as navegações estranhas e inusitadas de Colombo, de Cortez e de Magalhães, com sua grandeza, fizeram parecer menor o mundo; e alguém dizia que em nossos dias o mundo escapou-nos de nossas mãos” (Borromeo, séc. XVII/1985, p. 39).

Já no livro *Paralela Cosmographica De Sede et Apparitionibus Daemonum Liber Unus* (séc. XVII/2006), Federico delinea um curioso mapa geográfico acerca dos lugares onde aparecem com frequência seres demoníacos. Sua tese é que lá, aonde falta o senso religioso, os povos são mais expostos a vícios e, portanto, fáceis presas do diabo, que também é responsável pelas catástrofes naturais. Dentre os hábitos de origem demoníaca observados na América Latina, Borromeo destaca o uso do que chama de “erva devoradora, que faz aumentar de modo desmedido o apetite”: a esta dedica também um pequeno escrito *De insanis quibusdam tentationibus* (1629). Borromeo relata que esta erva se encontra no Peru e que suscita “uma fome cruelíssima e doentia, que leva as pessoas a comer sem parar dia e noite” (p. 8). Informa que foram consultados alguns médicos italianos sobre os efeitos deste vegetal e que os pareceres deles reiteram o apetite desmedido não ser efeito natural do consumo da erva, e sim “insidia de espíritos malignos” (idem). De fato, na Biblioteca do Cardeal encontram-se alguns pequenos tratados médicos manuscritos do médico milanês Iacopo Antonio Clerici (-1622), aos quais, possivelmente, Federico se refere⁸: *Dell'erba usata dagli indiani del Paraguay e Tucuman* (Clerici, s. d.); e *Iudicium de symptomatibus consequentibus ad assumptionem herbae cuiusdam que Indi Tucumani et Paraguainenses utuntur* (Clerici, s. d.).

⁷ Padre José de Acosta, escritor e jesuíta espanhol (Medina Del Campo ca. 1539 - Valladolid 1600), enviado como missionário ao Peru (1571), publicou um catecismo da língua aymará. Ao regressar à Espanha, escreveu a *Historia natural y moral de las Indias* (1590/1954), que foi traduzida em vários idiomas. Nos primeiros quatro livros, Acosta expõe suas observações acerca da geografia física e da história natural do México e do Peru, e nos três livros sucessivos coloca notícias acerca da psicologia, hábitos, instituições políticas e religiosas dos indígenas.

⁸ A respeito da questão da erva e dos textos produzidos sobre ela por Federico e outros autores, conservados na Biblioteca Ambrosiana, cf. Albonico (1999, pp. 81-91). Numa carta recebida por Borromeo e enviada pelo missionário espanhol jesuíta Diego de Torres Bollo, de Cordova (Argentina) no dia 19 de março de 1621, é feita menção à erva e ao parecer de alguns médicos italianos sobre ela. Segundo Albonico (1999), possivelmente Torres enviou uma descrição da erva e de seus efeitos que Borromeo submeteu à avaliação dos médicos milaneses, sendo este parecer depois remetido a Torres. De toda forma, Albonico sugere tratar-se da erva mate.



Outro tratado de Borromeo, *Semina rerum sive de philosophia christiana* (séc. XVII/2004), uma espécie de enciclopédia dos predicáveis, evidencia o uso feito pelo autor das informações derivadas de leituras acerca dos modos de vida de outros povos para construir seu discurso edificante. Vejamos, por exemplo, como ele retoma neste texto a questão dos “apetites desmedidos”. Ele parte da concepção de que as “paixões humanas cegam os ânimos e os privam dos sentimentos” (p. 50), de modo que os afetos desregrados impedem o amor aos verdadeiros bens, sendo que “a medida e a proporção” são os critérios essenciais para educar o humano, lei esta inscrita no dinamismo da natureza. Faz assim o exemplo da alimentação: a saciedade é um mecanismo natural que regula o apetite da gula, quase “mensageira da razão e mestra dos sentimentos quando superam o limite devido” (p. 63). Desse modo, “não obedecer a este mecanismo é muito nocivo” (p. 64) e se torna “loucura” (idem).

Nessa perspectiva, podem ser então compreendidas as observações de Borromeo acerca dos apetites desordenados de povos latino-americanos: na verdade, trata-se de temas usados para construir *exempla* voltados a evidenciar duas possibilidades opostas de viver os apetites naturais, sobretudo os apetites sensíveis (instintos e emoções), sempre possíveis aos seres humanos nos mais diversos contextos espaços-temporais. Os sentidos e os afetos podem estar direcionados para objetos adequados (tudo o que é belo, bom, verdadeiro), ou inadequados (como a “erva devoradora”, a antropofagia, os excessos nos hábitos alimentares e sexuais, ou na posse de bens e dinheiro). Nestas escolhas, Borromeo (séc. XVII/2004) observa que os povos dos novos mundos não se destacam somente como exemplos negativos, mas que eles não são avarentos nem cobiçam bens de modo desconsiderado, como os europeus, atitudes que permitem construir relações sociais pacíficas; ao passo que a cobiça que caracteriza os europeus envolvidos na colonização leva à violência. Escreve:

Os povos que vivem livres em diversas partes do mundo mantêm um comércio baseado na permuta, e deste modo as províncias se unem e as nações se aproximam entre elas. E destes bárbaros, nós devemos aprender a desprezar o ouro e a estima-lo menos, pois não é sua posse que nos torna felizes ainda nesse mundo (p. 75).

Em sua “viagem espiritual” Borromeo se detém nos aspectos antropológicos dos novos mundos para fazer uma crítica ao velho mundo ao qual ele mesmo pertence, e também para discutir sua visão de homem, moldada pela filosofia aristotélico-tomista, mas também pela demonologia de sua época (Mello e Souza, 1986). O homem no estado natural é o terreno para construir a virtude como segunda natureza, devendo-se levar em conta que o comportamento é submetido a diversos determinismos: fatores naturais externos (como o clima, a alimentação, as bebidas) e internos (instintos); como também fatores sobrenaturais (a ação dos demônios). O homem “civilizado” por sua vez é submetido a outros fatores: os vícios decorrentes de excessos ou defeitos, adquiridos no tempo até tornarem-se hábitos.



Desse modo, a reproposição da condição originária do homem natural é recurso persuasivo para evidenciar que os vícios não são inerentes à natureza humana como tal, mas decorrentes do posicionamento da liberdade no uso das coisas, na consideração de si mesmos e dos outros. A liberdade se move no nível dos apetites intelectivos; mas estes são influenciados pelos apetites sensoriais. Quando tais apetites assumem o controle e o direcionamento do dinamismo psíquico, então provocam desordens e perda do equilíbrio psíquico, de modo a promover excessos, ou defeitos. Por isto, o centro das reflexões de Borromeu é a questão dos apetites e de sua orientação para o bem (virtude), ou para o mal (vício).

Lembramos que na psicologia filosófica aristotélico-tomista, os apetites compõem o dinamismo psíquico da pessoa. Existem dois tipos de apetites naturais: o apetite sensitivo e o intelectivo. O apetite sensitivo corresponde aos fenômenos que a psicologia moderna define como instintos e emoções; e o apetite intelectivo, à motivação. Existe uma hierarquia nos movimentos dos apetites que são orientados naturalmente para o bem: o apetite sensitivo é naturalmente submisso ao intelectivo, e a inversão desta ordem causa a perversão e o vício (Tomás de Aquino, 1265-73/2001). Por outro lado, o modo de viver os apetites não é apenas um fato individual, mas adquire conotação social e política. Para Borromeo (séc. XVII/2004), a transmissão dessa visão antropológica ilustrada pelos *exempla*, baseia-se na consciência da importância da palavra “remédio razoável para o animo (...) que nos cura dos males e das chagas invisíveis” (p. 69).

Desse modo, as leituras e anotações que compõem as viagens espirituais de Borromeo são destinadas a edificar o lugar de retorno, ou seja, as condutas dos ouvintes a quem o prelado exorta em suas pregações nas terras lombardas; ou dos leitores que lerão seus escritos. O deslocamento imaginário em mundos onde se encontra a alteridade antropológica serve como um espelho em que o autor e os homens a ele contemporâneos e próximos possam ler a si mesmos e refletir acerca de seu próprio mundo.

“Passeando por Países antes desconhecidos, por meio da imaginação”: narrativas de Ludovico Antonio Muratori, autor de *Cristianismo feliz nas missões dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai*

Lodovico Antônio Muratori (1672-1750) é autor de um famoso texto sobre as reduções jesuíticas do Paraguai: *Cristianismo feliz nas missões dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai* (1743-1749/1985). Em suas notas autobiográficas, Muratori (séc. XVIII/1950) relata as motivações que o levaram ao interesse pelos novos mundos, como também o processo que o levou à escrita da obra.

Desde jovem, Muratori direcionou-se ao trabalho intelectual. Desempenhou função de bibliotecário entre 1695 e 1700 na Biblioteca Ambrosiana, fundada por Federico Borromeo. Neste período, evidenciaram-se os interesses de Muratori especialmente direcionados para a



pesquisa historiográfica. A quantidade e riqueza dos textos preservados naquela biblioteca proporcionaram ao jovem grande alimento para uma já clara predisposição aos estudos literários, filológicos e históricos. Desde muito jovem, como ele mesmo revela em seus escritos autobiográficos, cultivou grande interesse pela historiografia. Declara ter se afastado cada vez mais dos estudos jurídicos, aos quais tinha sido destinado pelo pai, porque considerava que, naquela área, “não se observava nenhum Mundo novo a ser descoberto, mas apenas se parava naquilo que tantos outros já disseram e repetiram” (Muratori, séc. XVIII/1950, p. 35), ao passo de que no campo do saber histórico, “eu encontrei terrenos amplos e, o que é mais, interessante, ainda não descobertos totalmente” (p. 38). Posteriormente, em 1700, foi contratado como Bibliotecário pelo Duque Rinaldo de Este, em Modena. Nesse período, dentre outros livros, escreveu o *Cristianismo feliz nas missões dos padres da Companhia de Jesus no Paraguai* (a primeira parte editada em 1743, com várias reedições; e a segunda em 1749)⁹, obra concebida a partir da leitura de algumas cartas missionárias do jesuíta italiano Gaetano Cattaneo, o qual partiu para as missões do Paraguai em 1729 e lá morreu em 1733. Muratori ficou impressionado pela leitura das cartas que Gaetano enviara ao irmão Giuseppe e, a partir dessa leitura, iniciou sua viagem intelectual no mundo latino-americano, como ele mesmo relata na introdução do livro: “se não com os meus pés, com pés de outros eu me dirigi ao Paraguai e com os olhos de outros pude visitar aquelas afortunadas missões” (Muratori, 1743-1749/1985, p. 32). A leitura propicia o dinamismo intelectual, especialmente os processos psicológicos da imaginação, permitindo que o autor possa deslocar-se mentalmente e construir a narrativa histórica. A obra teve inúmeras edições: seis em língua italiana até 1880; uma recente em 1985; oito traduções em francês até 1858; três em inglês a partir de 1759; uma em idioma alemão em 1758, outra em holandês em 1822.

A viagem imaginária de Muratori se realiza por meio de cuidadosa coleta de fontes históricas rigorosamente avaliadas em seu valor testemunhal, pois, como o autor escreve, tinha se proposto a “não receber nada que fosse fabuloso ou lendário” (Muratori, 1743-1749/1985, p. 104). Com efeito, o recurso à imaginação não significa que a narrativa historiográfica seja uma descrição fantasiosa. Como veremos, a concepção da imaginação de Muratori fundamenta-se numa teoria realista do conhecimento, onde a imaginação em conjunto com a memória guarda, elabora e disponibiliza os dados que foram apropriados pelos sentidos, para a atuação das funções mentais superiores. A imaginação colabora assim com a razão historiográfica na medida em que, a partir de indícios, preenche as lacunas da ausência e da distância pela verossimilhança. Buzzi (2000) comenta que Muratori “não foi vítima daquela atitude racionalista que impunha um preconceito ideológico na interpretação dos fatos narrados pelos documentos” (p. 65). Pelo contrário,

⁹ Citaremos a edição moderna de 1985.



Muratori em sua construção historiográfica soube utilizar um rigoroso critério sugerido pelo saber científico de seu tempo: substituir o experimento pela opinião. No campo historiográfico, isto significava submeter o conjunto dos documentos históricos coletados à análise crítica, por meio da observação e da classificação (idem).

Ao mesmo tempo, interesses, motivações e emoções são mobilizadas, como fica evidente pela carta¹⁰ escrita pelo autor em 23 de março de 1742 destinada a Contuccio Contucci, jesuíta do Colégio romano, onde o autor declara o motivo inspirador da obra: “confesso (...) que eu me apaixonei por aquelas missões porque me parece poder encontrar nelas a Igreja primitiva” (Muratori citado por Venturi, 1901, p.8). Esta motivação reaparece nas páginas do *Cristianismo Feliz* (1743-1749/1985), onde o mundo latino-americano torna-se tanto objeto da narrativa histórica quanto evidência histórica da efetiva possibilidade de realização do ideal do cristianismo primitivo e termo de comparação com a cristandade da Europa contemporânea. A meta da viagem imaginária é, nesse caso, assim como visto em Borromeo, voltar ao mundo da vida de origem, para analisá-lo criticamente: o deslocamento serve para lograr um distanciamento mental que possibilita a crítica e a retomada de ideais originários e esquecidos por esse mundo de origem. Com efeito, Muratori (1743-1749/1985) afirma que considerar o “espetáculo” das reduções tem um valor educativo e persuasivo: deve “ser uma correção para nós, velhos cristãos, conhecermos o estado e a maneira de viver dos novos cristãos do Paraguai, no que diz respeito ao espírito e à alma” (p. 112). Em suma, a viagem imaginária é ocasião para avaliar criticamente o modo de viver próprio e dos conterrâneos contemporâneos. A imaginação se move, portanto, apelando para a razão e para a vontade, numa construção retórica exortativa e de cunho moral e político.

Com efeito, conforme assinala Borghesi (1997), as reduções do Paraguai são para Muratori ocasião de afirmar a tese do primado do sentimento religioso como inspirador da organização política e social: pareciam encarnar a prova histórica do ideal da Cidade de Deus, onde a felicidade temporal é inseparável da felicidade espiritual¹¹ e onde se realiza o milagre da caridade. Em tal sentido, o texto não se enquadra na literatura utópica tradicional em que o Novo Mundo é ocasião apenas para uma crítica da sociedade europeia, mas tem o fim de propor a possibilidade *efetiva* de realização do ideal cristão de sociedade civil; e de impulsionar assim um movimento de transformação do Velho Mundo. A partir desse ideal encarnado, Muratori (1743-1749/1985) julga a situação contemporânea dos povos europeus: “os nossos costumes desacreditam a nossa religião, dando aos outros, pretextos para fugi-la ou por detesta-la” (p. 84). Assim, Muratori confronta o modo de viver da nova cristandade

¹⁰ Tacchi Venturi (1901) publicou algumas cartas escritas por Muratori a alguns jesuítas membros do Colégio Romano onde, entre outras coisas, solicita documentos para realizar seu trabalho histórico. Essas cartas descrevem em pormenores o percurso de composição da obra.

¹¹ Segundo Continisio (1999), o estudo de Muratori enquadra-se no clima cultural do século XVIII, quando “o modo operativo para resolver o problema da felicidade adquire um caráter coletivo e geral, que a política assume diretamente e ativamente, com os seus meios próprios” (pp. 192-3).



latino-americana com a conduta dos colonizadores espanhóis os quais “tendo o único fim de enriquecer-se, de qualquer maneira, (...) valem-se, em alguns lugares, de trabalho escravo” (p. 79), tornados “cegos pela avareza e pela bestial cobiça” (p. 78). No fim do texto, Muratori assinala o limite de sua viagem mental, no que diz respeito às previsões para o futuro: “o que acontecerá em futuro está escrito em um livro que nenhum de nós sabe ler” (p. 205). Infelizmente, a partir do ano da morte de Muratori em 1750, até 1756, as reduções jesuíticas foram destruídas pelas tropas espanholas e portuguesas; e em 1767 os jesuítas foram expulsos dos territórios coloniais. Terminada a escrita da segunda parte do *Cristianismo Feliz* em 1749, Muratori afirma no prefácio que, mesmo após o trabalho de pesquisa e narrativa histórica realizado, “nem por isto passou minha sede” (p. 15), esta sede que, como escreveu no prefácio da primeira parte da obra, o levava a oferecer aos seus leitores, a experiência de “passar em países antes desconhecidos (...) com costumes diferentes dos nossos, quais são os da América Meridional” (pp. 31-32).

A possibilidade de realizar este “passeio” através da leitura do livro exige de seus leitores o emprego da imaginação. A imaginação era definida na época também pelo termo fantasia. Entre a escrita do primeiro e do segundo tomo do *Cristianismo Feliz*, Muratori publicou em 1745 a obra *Da força da fantasia humana* que segue outro ensaio, *A força do entendimento humano*. Como o autor escreve no prefácio, o objetivo destes ensaios é promover o conhecimento de aspectos da alma humana, já que esta, apesar de constituir-se objeto de sumo interesse para o homem, na verdade apresenta-se como extremamente complexa, de modo que “a alma que conhece tantas e tão várias coisas fora de si, com muita dificuldade consegue conhecer-se a si mesma” (Muratori, 1745, p. 6). Apesar das evidências filosóficas e teológicas da existência da alma, “não conseguimos discernir como ela atue dentro de nós, de onde brota sua capacidade de entendimento, como também de onde surgem seus erros e enganos e as escolhas boas, ou perversas; dentre outras tantas questões acerca dela”. (idem). Evidentemente, Muratori é consciente do esforço que a filosofia e a medicina de seu tempo estavam empreendendo para consolidar uma “ciência da alma” (Vidal, 2010). Posiciona-se também acerca do fato de que, sendo a alma uma substância espiritual, não poderá ser conhecida pelos sentidos:

Já que se trata de uma substância espiritual, e não tendo nós uma ideia completa do que seja o espírito, os sentidos não poderão nos ajudar nesta descoberta, sendo eles apenas mensageiros da superfície e da modificação externa do corpo pelas coisas materiais (Muratori, 1754, p. 6).

Neste ponto, Muratori (1754) assinala a diferença entre a ciência da alma e a ciência dos fenômenos naturais e toma distância em relação ao projeto de ciência natural da alma proposto pela filosofia empirista. Muratori quer oferecer sua contribuição empreendendo uma investigação acerca da fantasia, a partir do fato de que “é consenso dentre os melhores filósofos a existência da fantasia na cabeça do homem” (p. 7). A filosofia admite que “através



dela especialmente se realiza o comércio da alma com o corpo” e que “a mesma fantasia tem grande influxo não apenas nas meditações, como também nas ações humanas, sobretudo nas ações morais” (idem). O autor cita a obra *De viribus imaginationis* (1608) do médico Thomas Fiens (1567-1631), de tradição aristotélica, que aborda o tema, mas, segundo o Muratori, o faz de forma questionável por indicar apenas a influência da imaginação no corpo, especialmente na indução de doenças e de malformações dos fetos. Segundo Muratori, o campo da ação da fantasia é bem mais amplo. Além do mais, ele julga que a abordagem aristotélica da obra seja superada na atualidade,

porque trabalha com todos os recursos da escola peripatética, que na época vigorava, ou seja, mediante questões, conclusões, objeções e decidindo sempre em conformidade com a autoridade de mente de Aristóteles, Avicena e Averróis. Alimentos tão secos e mal temperados não são mais apropriados para o paladar dos modernos (Muratori, 1754, p. 8).

Desse modo, o autor esclarece que seu método de abordagem da fantasia não se conformará a essa tradição médica e filosófica e seguirá outro caminho.

Evidencia-se assim que a viagem imaginária proposta por Muratori não tem o mesmo significado da viagem espiritual de Borromeo que, como vimos, seguia a tradição aristotélico-tomista quanto à concepção e ao emprego da imaginação para construir seus escritos e seus sermões. Muratori (1754) declara que não fará uma resenha erudita das teorias filosóficas sobre o tema – como, por exemplo, fez Pierre Gassendi (1592-1655) – pois este gênero “em nada serve para nos fazer compreender o verdadeiro sistema de nossa imaginação” (p. 9). Não lhe será possível também utilizar o método científico experimental, devido à complexidade do assunto:

Não se encontrou nem se encontrará microscópio tal que possibilite enxergar os movimentos da alma em suas funções, por ela ser um espírito invisível. E, apesar de considerarmos a fantasia uma faculdade material com sede no cérebro, nosso olhar não pode nem poderá nunca penetrar no cérebro para descobrir o que chamamos de ideias e fantasmas (p. 9).

Muratori afirma, portanto, que se baseará no “verossímil” e no provável. A seguir, cita a concepção da medicina a ele contemporânea, de que a fantasia está localizada na parte frontal do cérebro. Diferentemente da mente (ou seja, do intelecto e da vontade) que é substância incorpórea, a fantasia é tida como corpórea e material e sua existência pode ser verificada por meio de inúmeros indícios. Nesta afirmação, Muratori declara apoiar-se nas teorias de Elias Camerario, médico do século XVIII, docente de medicina na Universidade de Tubingen. Além disto, seguindo a teoria do médico inglês Thomas Willis (1621-1675), Muratori acredita que a informação acerca dos objetos externos obtida pelos cinco sentidos seja transmitida aos nervos e, destes, ao cérebro (pela ação dos espíritos animais, produzidos pela parte mais sutil do sangue, ágeis e invisíveis, os quais transmitem as informações).



Segundo o autor, comprova este funcionamento e a localização cerebral da fantasia o fato de, quando nesta parte do cérebro ocorre uma lesão, as pessoas perderem a capacidade de imaginar.

Muratori (1754) compara a mente a um rei que vive num grande palácio e tem por ministros os cinco sentidos, a fantasia e os livros:

No livro, a mente lê à vontade acerca dos corpos externos, das coisas do passado e do presente que são escritas nele; por meio da meditação, a mente elabora conselhos e toma decisões. E nos parece que a mente saía deste seu palácio quando orientamos nossos pensamentos na direção das coisas externas ou distantes de nós; assim como o amante pensa no objeto amado; o viajante, evoca a cidade conhecida para onde caminha; a mãe, lembra os filhos deixados em casa. Desse modo, analogamente, o pensamento é a consideração do objeto pintado na oficina da fantasia, como um retrato que representa de modo vivo o que está longe de nós (pp. 26-27).

A memória tem sede material na fantasia: inspirado em Locke (de quem cita trechos do décimo capítulo do segundo volume da obra *O entendimento humano*), Muratori (1754) afirma que a memória retém as imagens das coisas impressas na fantasia. A fantasia pode se manifestar de formas variadas: origina sonhos, delírios, êxtases e visões, cujos fantasmas podem desordenar o dinamismo anímico e atrapalhar o trabalho do intelecto, levando à loucura ou criando ídolos. A grande diversidade de manifestações da fantasia deve-se ao fato de que esta capacidade se distribui dentre os homens de modos diferentes. Segundo Muratori, para ser um escritor, é preciso saber usar bem a fantasia.

É evidente, portanto, que a construção da viagem intelectual às reduções jesuíticas, proporcionada pelo livro de sua autoria, baseia-se no emprego da fantasia por quem escreve e por quem, ao ler, mobiliza sua imaginação para acompanhar os passos do percurso mental oferecido pelo texto escrito. Por outro lado, porém, a fantasia funciona de modo articulado ao conhecimento histórico obtido pelo levantamento e pela análise historiográfica de documentos obtidos por testemunhas vivenciais dos processos narrados. O “objeto pintado na oficina da fantasia, como um retrato que representa de modo vivo o que está longe de nós” (Muratori, 1754, p. 27) tem por referente um objeto real documentado por fontes históricas fidedignas.

Gian Rinaldo Carli e a sua “viagem mental” ao Peru inca

As *Cartas americanas (Lettere americane*¹²) de Gian Rinaldo Carli (1720-1795) – homem político da Milão asbúrgica do século XVIII – são exemplos de uma narrativa que assume o mundo latino-americano como objeto de construção utópica. Não se trata de cartas entre dois correspondentes reais: a forma epistolar é a estrutura retórica escolhida pelo autor para

¹² Das *Cartas americanas* de Carli existem algumas edições: Carli (1785, 1785/1872 e 1785/1958).



transmitir “os meus pensamentos acerca da América” (Carli 1785/1872, p. 198), mas, sobretudo para tomar o Mundo Novo como termo de comparação a fim de discutir e julgar questões europeias. A intenção declarada por Carli é a de “fazer uma viagem mentalmente” por meio das cartas, o que implica “esquecer (...) a nossa localização física”, e dar expressão pela escrita a “um cúmulo de sonhos” (pp. 198-199). As cinquenta e seis cartas de Gianrinaldo Carli são destinadas a um leitor, seu primo Girolamo Gravisi, mas a América não é o lugar de destino da correspondência, e sim o objeto. As cartas foram escritas entre maio de 1777 e setembro de 1779, compostas ao ritmo de uma carta por semana¹³.

Entre as fontes usadas por Carli para a reconstrução do mundo inca, encontram-se: a *Historia natural y moral de las Indias*, de José de Acosta (1590/1954); os *Comentarios Reales de Garcilaso de la Vega* (1609/1943); e o *Saggio sopra l'imperio degl'Incas* (*Ensaio sobre o imperio dos Incas*) de Francesco Algarotti (1753/1987). Na cultura europeia da época¹⁴, circulam duas posições antagônicas a respeito da realidade antropológica latino-americana: uma delas defende a *humanitas* dos nativos; a outra, qualifica como sinal de barbárie a diversidade de usos e instituições daqueles povos¹⁵.

Trampus (1991) destaca aspectos da biografia de Carli que permitem compreender o significado que a viagem mental assume para ele. A vida de Carli foi marcada por muitos deslocamentos geográficos e intelectuais: nascido em 1720 na região da Istria, em Friuli (Itália) recebera sua primeira formação nas áreas da filosofia, geografia, cosmografia, história e literatura. Morou sucessivamente em diversas regiões e cidades: estudou direito em Pádua entre 1739 e 1742; e a partir de 1743, lecionou arte náutica na Toscana, e depois em Parma. Por fim, transferiu-se para Milão, onde alcançou sua maturidade intelectual, participando dos debates do grupo cultural “*Il caffè*”. Também nessa cidade, ocupou importante cargo político como Presidente do Conselho Supremo de Economia do governo austríaco, onde desempenhou significativo papel de reformador da política econômica orientada ao liberalismo industrial e comercial. Além disso, devemos atentar ainda para a mudança

¹³ Carli já concluíra suas *Cartas americanas* quando foi publicada em Londres, em 1777, a obra *History of America* do historiador V. Robertson, (cuja posição era que Peruanos e Mexicanos não poderiam ser considerados nações civilizadas, aderindo às teses acerca da decadência dos povos americanos formuladas por Cornelius de Pauw nas *Recherches philosophiques sur les Américains* (1768-69). O livro de Robertson, foi traduzido em italiano e francês em 1778. Devido a isto, Carli decidiu retomar a discussão do tema desenvolvido nas *Cartas*, realizando novas edições, em dois volumes em 1780, e em três volumes em 1781 (estas novas cartas forma chamada de *Atlantidi*, pois sustentavam a tese da descendência dos americanos, dos habitantes do mítico continente desaparecido).

¹⁴ Trata-se de um fenômeno cultural articulado, que compreende: relatos e memórias de viagem, obras de natureza científica, histórica, ou geográfica, artigos de jornais e periódicos, traduções, nas quais regiões fisicamente distantes são aproximadas por uma espécie de proximidade ideal. No século XVIII, na Itália, circulam vários livros acerca da América, tais como: *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* de Raynal (1770) – obra parcialmente traduzida para o italiano (Raya, 1778) – e *Gazzettiere americano contenente un distinto ragguaglio di tutte le parti del Nuovo Mondo* (1763), uma tradução do *The American Gazetteer*, dicionário geográfico anônimo para uso de viajantes, comerciantes, publicado originalmente em Londres em 1762.

¹⁵ Vide por exemplo, *Recherches philosophiques sur les américains, ou mémoires intéressans pour servir à l'histoire de la espèce humaine* de Cornelius De Pauw (1768-69); e *Americologia ossia osservazioni storiche e fisiologiche sopra gli Americani* (De Pauw, 1790). Cf. também Gerbi (1955/1996).



ideológica vivenciada por Carli que, inicialmente adepto da filosofia iluminista francesa e admirador da Revolução Francesa que considerava fato histórico inovador, posteriormente se viu profundamente desiludido com a mesma, desilusão que o levou a olhar com ceticismo também a Revolução nos Estados Unidos da América. Desse modo, Carli tornou-se crítico das teorias de Jean-Jacques Rousseau: no livro *L'uomo libero (O homem livre)*, escrito em 1776 e publicado em 1778, Carli (1778/1958) discorda do filósofo suíço e opõe à visão da natural bondade do homem, a concepção de uma desigualdade inata e de uma sociedade estruturada de forma hierárquica e submissa às leis e ao soberano, tido como fator de união entre as classes sociais. Para o autor, devido à corrupção dos indivíduos, a sociedade também se corrompe, de modo que a obediência às leis e ao soberano se constitui como remédio.

Por natureza, segundo Carli (1778/1958), o homem necessita submeter-se a uma autoridade que corrija os vícios e reforce as virtudes. Ao recusar o novo sistema político europeu inspirado nos ideais jacobinos, Carli volta-se para a utopia teocrática dos Incas, que considera como “o melhor sistema político possível a ser imaginado ou realizado em todo o nosso hemisfério” (p. 462). Para ele, esse império é a concretização de sua utopia política: “quando os homens dispersos unem-se a um chefe, que sabe persuadi-los, uni-los e depois disciplina-los, nesse único caso se forma uma população que goza de uma felicidade segura. O único exemplo na terra foi o dos incas no Peru” (idem). A visão da sociedade utópica de Carli comporta: a eliminação da propriedade particular e da liberdade de fazer contratos, o fato de o Estado se encarregar de todas as necessidades dos cidadãos, o estabelecimento de uma disciplina que regule as condutas, a adesão a uma visão do mundo comum de matrizes religiosas. O resultado desse experimento social e político seria a felicidade dos súditos. A apologia do Império Inca feita por Carli chega ao ponto de identificar nos incas os descendentes dos lendários moradores de Atlântida. Carli funda o argumento numa mescla de textos científicos, literários e filosóficos, que vão de Homero, Hesíodo e Platão, aos escritos dos viajantes. Por meio do mito da perda Atlântida, Carli inverte a perspectiva acerca do mundo sul-americano: não uma terra “jovem”, como afirmara De Pauw (1768-69), e, portanto, subdesenvolvida em comparação com o ocidente europeu, e sim uma terra antiguíssima, herdeira da sabedoria dos moradores de Atlântida, continente localizado entre América e Europa submergido pelas águas do Dilúvio universal. Os supérstites teriam povoado México e Peru, transplantando, nesses países, seus conhecimentos astronômicos, arquitetônicos, políticos.

Carli (1778/1958) retoma assim um antigo mito cuja origem se encontra nos diálogos platônicos de *Timeu* e de *Critias*: Platão relata a história derivada de uma antiga tradição oral egípcia, da enorme e riquíssima ilha localizada para além das colunas de Hércules, que mergulhou no abismo do oceano por vontade divina. A descoberta das Américas recolocou este mito no horizonte cultural do Ocidente (Vidal-Naquet, 2008). A geografia e as ideologias



políticas e sociais convergem para a recriação e difusão deste mito, que, ainda segundo Vidal-Naquet (2008), assim como nos tempos de Platão, encerra em si uma crítica radical ao sistema político contemporâneo. Na história da modernidade, em que Carli se enquadra, o mito de Atlântida é continuamente revisitado (como, por exemplo, por M. Montaigne, F. Bacon, o jesuíta Athanasius Kircher, dentro outros).

A obra de Carli se coloca na tradição das viagens imaginárias, tradição esta difundida na Europa (e também na narrativa italiana), nos séculos XVII e XVIII, a partir da obra *Utopia* do humanista e político inglês Thomas More, do século XVI. Por meio dessas viagens, os autores descrevem o modelo de sociedade ideal que eles vislumbram para o futuro e criticam a situação política e social de seu presente: os textos desta natureza foram compendiados numa obra publicada pela editora francesa Garnier em dez volumes, as *Viagens imaginárias* (1787). Trata-se da reunião de contos fantásticos que se inserem em contextos onde são gestados projetos de transformações radicais dos sistemas jurídicos e econômicos vigentes, buscando realizar visões utópicas no mundo real (a exemplo da revolução francesa), e que, para a construção dessa visão utópica, utilizam informações recebidas pelos viajantes acerca dos países distantes. No século XVIII, desenvolveu-se a *Ars Apodemica*, um conjunto de normas estilísticas e retóricas que norteavam a escrita dos relatos de viagens; ao mesmo tempo, intensificaram-se as viagens exploratórias militares com presença de médicos, filólogos, naturalistas. A viagem adquire assim um valor de conhecimento, como é o caso de *Candido*, personagem de um romance de Voltaire, que empreende uma viagem de formação. A crise da sociedade europeia inspira a exigência de uma novidade que se busca encontrar no distanciamento não apenas geográfico, mas também intelectual. As diversas experiências dos povos, assim, se entrelaçam num intercâmbio fecundo de novas ideias e de espírito crítico (Cambi, 2012; Stancati, 2006).

Vimos que a utopia peruana de Carli propõe um conceito de igualdade em polêmica com os ideais iluministas, e basea-se na capacidade do regime monárquico de garantir o respeito desse valor, em todos os níveis: político, econômico, e também moral e religioso (Venturi, 1958). Nesse sentido, a viagem imaginária de Carli está ligada a um pensamento utópico não voltado ao futuro (a realização de um mundo novo), mas inspirado no passado (um sistema que já existiu e que comprovadamente realizou suas promessas). A imaginação do autor constrói a visão de uma sociedade perfeita, associada à memória baseada no estudo de textos históricos, quais são as fontes que acima citamos e que serviram de base a Carli para o conhecimento da história inca. Trata-se assim de uma inversão do sentido da utopia própria do iluminismo, voltada ao tempo futuro. Podemos dizer que Carli se move ainda num regime de temporalidade da “história magistra” (Hartog, 2003), onde os exemplos do passado constituem-se em referências ideais para o enfrentamento do presente. De fato, o modelo do regime inca é contraposto ao governo espanhol que dominou Milão e região antes dos Habsburgos e que domina o Peru no período em que Carli escreve. Carli (1785) afirma



que, naquele país, “com a chegada dos espanhóis, as coisas pioraram bastante” (p. 228), sendo os valores comunitários incas substituídos pela violência, avareza e cobiça dos europeus. Nessa perspectiva, Carli critica o já citado jesuíta José de Acosta – cujas obras foram leitura obrigatórias por todos os autores que, na época, discutiram a realidade latino-americana – por não ter considerado os fatos históricos de modo articulado:

Se o padre Acosta fosse mais filósofo e compreendesse em profundidade o maravilhoso encadeamento de providências divinas, não se maravilhariam que os povos do Peru se chamassem de felizes sob o regime de seus soberanos e chorassem perpetuamente a mudança de governo. Acosta, ao escrever sua obra histórica, encarou os fatos de modo independente um do outro, sem atentar para os nexos entre eles, e para as consequências (p. 228).

Todavia, “bastaria ler as obras de Las Casas e Oviedo para saber que, em pouco tempo, os espanhóis massacraram doze mil homens sem misericórdia; e assim ficou destruído todo aquele país” (idem). Segundo Carli (1785), desse modo “um povo conquistador, bárbaro e supersticioso desenraiza, nos povos oprimidos, os seus antigos hábitos; e muda a condição deles para escravidão e miséria” (pp. 229-30). A viagem imaginária de Carli, portanto, se estende no tempo e no espaço, qualificados pela distância, mas tem como destino o aqui-e-agora da Milão habsbúrgica, da Espanha e da Europa em que ele vive e atua.

Para a escrita do gênero literário em que se insere a obra de Carli, é utilizada a memória de informações derivadas da leitura, mas também a imaginação. A concepção do processo psicológico da imaginação de Carli se fundamenta nas teorias políticas e retóricas de seu tempo e no emprego que elas fazem do referido processo. Segundo Stancati (2006), o papel da imaginação e seu modo de uso pela retórica mudam no século XVIII, na medida em que essa se desvincula dos apetites (intelectivo e sensitivo), para tornar-se um espaço mais amplo, útil às construções da filosofia. Na teoria do conhecimento, afirma-se uma perspectiva cartesiana, onde o novo método de busca da verdade atribui à imaginação o papel de reforçar o aspecto figurativo da linguagem, sobretudo na escrita dos gêneros ético e religioso. Há ainda autores, como Malebranche, que consideram a imaginação como algo negativo.

Uma das obras de retórica mais difundida no século XVIII é *La Rhétorique ou les règles de l'éloquence* de Balthazar Gibert (1719/2004). Para este autor, existem duas acepções possíveis do imaginário: a primeira diz respeito ao produto da pura imaginação, irreal; em contraposição ao que é verdadeiro e real, e é evocado devido à “uma capacidade que temos de conceber as coisas por meio de imagens” (p. 143). Trata-se da acepção clássica de imaginação, presente na tradição aristotélico-tomista e agostiniana, mas ainda acatada, mesmo que num sentido restrito, nas *Regulae* cartesianas. No século XVIII, à imaginação se reconhece um papel fundamental no processo de conhecimento: o filósofo francês Condillac, por exemplo, afirma que a imaginação não consiste apenas na capacidade de reproduzir,



mas é capaz ainda de criar combinações de ideias sempre novas. Em 1772, J. Addison e R. Steele publicam onze ensaios chamados *Os prazeres da imaginação* (Addison & Steele, 1772), colocando a questão da imaginação não mais numa perspectiva retórica, mas claramente psicológica, na esteira da filosofia empirista de J. Locke. Cesare Beccaria (1738-1794) – contemporâneo de Carli e como ele funcionário do governo austríaco de Milão e também adepto dos encontros no *Il Caffé* – escreve naqueles anos um livro chamado *Ricerche intorno alla natura dello stile*, (Beccaria, 1770) onde discute o tema da imaginação, cuja utilidade é aumentar a felicidade dos homens, baseado numa visão empirista dos processos psicológicos.

Certamente, Carli recebe todas as influências acima descritas e usa da imaginação e da viagem imaginária para compor seu retrato do mundo inca e do mito de Atlântida nas *Cartas americanas*. A meta é o ideal do bom governo focado na promessa de uma felicidade futura fundada na razão. A concepção do processo histórico é de que a mudança, direção progressiva da história, não é dada por um processo revolucionário, e sim reformista. O deslocamento mental obtido pela imaginação e pela composição de dados históricos e geográficos adquire função política e visa à mudança do presente. Os saberes psicológicos acerca da imaginação, nesta perspectiva, atuam numa elaboração do conhecimento que é ao mesmo tempo retórica e política.

Conclusão

Termina aqui nosso percurso histórico pelas viagens mentais em territórios latino-americanos de três autores italianos escolhidos: Federico Borromeo, Antonio Ludovico Muratori e Gian Rinaldo Carli. Vimos que a significação dessas viagens e os modos próprios dos percursos propostos devem ser entendidos no âmbito das diversas teorias da imaginação e da mente, abraçadas pelos três autores e vigentes no período em que os textos foram elaborados. O trabalho da imaginação é concebido por cada um dos autores de forma diferente, a depender também da conceituação do processo psíquico nos saberes psicológicos presentes em suas bagagens culturais que, como vimos, pertencem às áreas da teologia, filosofia, retórica, política e medicina. Nos textos de Borromeo, a imaginação é empregada para construir o lugar de retorno por meio da viagem imaginária, ou seja, para sensibilizar, mover e ensinar os ouvintes e os leitores, nos moldes da retórica aristotélico-tomista. Nos textos de Muratori, a imaginação por um lado complementa as lacunas da reconstrução histórica e, por outro, apoia a construção de uma visão sociopolítica ideal por meio do relato histórico. Nas cartas de Carli, a imaginação – tendo adquirido uma função própria nas teorias políticas por meio da literatura utópica – é utilizada para compor uma viagem imaginária nos moldes da visão do século XVIII, ou seja, como construção utópica voltada



para a crítica ao sistema político atual e orientada a proporcionar progresso por meio de transformações de cunho reformista, e não revolucionário.

Em todos os casos, o deslocamento mental se faz necessário para pensar, avaliar e reformular o aqui-e-agora do tempo e espaço histórico em que os autores vivem e atuam; e a dimensão psíquica da imaginação é entendida e usada no âmbito deste processo de elaboração intelectual de teor cultural e político. Qual seria, nessas construções intelectuais, o lugar do mundo latino-americano real? A resposta a esta significativa questão não é objetivo de nosso texto, demandando pesquisas de outra natureza, algumas das quais já citamos no texto. De modo geral, parece-nos que, mais do que representar uma alteridade e uma interlocução efetiva, esse mundo funcione para os autores por nós considerados como um espelho usado para o conhecimento crítico de si mesmos e do próprio mundo.

Referências

- Acosta, J. SI (1954). *Historia natural y moral de las Indias* (P. F. Mateos, Org.). Madrid: Atlas. (Original publicado em 1590).
- Addison, J. & Steele, R. (1841). *The spectator: a new ed. with biographical notices of the contributors*. London: J. J. Chidley.
- Albonico, A. (1990). *Il cardinal Federico "americanista"*. Roma: Bulzoni.
- Algarotti, F. (1987). *Saggio sopra l'imperio degl'Incas* (A. Morino, Org.). Palermo, Itália: Sellerio. (Original publicado em 1753).
- Ardissino, E. (2001). *Il barocco e il sacro: la predicazione del teatino Paolo Aresi tra letteratura, immagini e scienza*. Città del Vaticano: Vaticana.
- Barros, M. L. & Massimi, M. (2005). Releituras da indiferença: um estudo baseado em cartas de jesuítas dos séculos XVI e XVII. *Paidéia*, 15(31), 195-205.
- Basílio de Cesareia (1990). *Sulla Genesi* (M. Naldini, Org. e Trad.). Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori. (Originais do século IV).
- Basílio de Cesareia. (1857). Hexaameron. Em *Patrologia Graeca* (Vol. XXIX, pp. 2-208). Paris: J. P. Migne. (Originais do século IV).
- Beccaria, C. (1770). *Ricerche intorno alla natura dello stile*. Milano: Galeazzi.
- Bolzoni, L. (2002). *La Rete delle Immagini*. Torino, Itália: Einaudi.
- Borghesi, F. S. (1997). *Introducion de El cristianesimo feliz en las misiones de los padres de la Compañia de Jesus em Paraguay*. Santiago del Chile: Direccion de Bibliotecas Arquivos y Museus.



- Borromeo, F. (s. d.). *Constitutiones Collegii ac Bibliothecae Ambrosianae, Mediolani*. Milano: Biblioteca Ambrosiana.
- Borromeo, F. (s. d.). *Dispositio ad exercitia facienda*. Milano: Biblioteca Ambrosiana. (Manuscrito G. 19 Inf [2]).
- Borromeo, F. (s. d.). *Per i viaggi spirituali o sieno osservazioni fatte nei viaggi e nel leggere viaggiatori*. Milano: Biblioteca Ambrosiana. (Manuscrito G 309 Inf [8]).
- Borromeo, F. (1591-1599). *Geografia Universale*. Milano: Biblioteca Ambrosiana (Manuscrito G. 24 Inf [6]).
- Borromeo, F. (1629). *De insanis quibusdam tentationibus*. Milano: Biblioteca Ambrosiana (Manuscrito, F.30 Inf. [2]).
- Borromeo, F. (1632-46). *Sacri Ragionamenti*. Milano: Biblioteca Ambrosiana.
- Borromeo, F. (1909). *Musaeum Bibliothecae Ambrosianae* (L. Grasselli, Trad.). Milão: Biblioteca Ambrosiana. (Original publicado em 1625).
- Borromeo, F. (1932) *De pictura sacra* (C. Castiglioni & Q. Nicodemi, Trad.s). Milano: Sora. (Original publicado em 1624).
- Borromeo, F. (1985). *Miscellanea annotationum variarum* (Gruppo Editoriale Zaccaria, Org.). Milano: Biblioteca Comunale. (Originais do século XVII).
- Borromeo, F. (2004). *Semina rerum sive de philosophia christiana* (C. Continisio, Org.). Roma: Bulzoni; Milano: Biblioteca Ambrosiana. (Originais do século XVII).
- Borromeo, F. (2006). *Paralela cosmographica de sede et apparitionibus daemonum liber unus* (F. Ciaca, Org.). Roma: Bulzoni. (Originais do século XVII).
- Botero, G. (1997). *Ragion di Stato (testo della prima edizione del 1589)* (C. Continisio, Org.). Roma: Donzelli. (Original publicado em 1589).
- Botero, G. (1592). *Delle relationi universali di Giovanni Botero Benese da lui corrette e ampliate in piu luoghi prima parte all' ill.mo et rever.mo Mons. Agostino Valerio, Cardinale Di Verona*. Ferrara, Itália: Mammarelli.
- Botero, G. (1595). *Delle relationi universali di Giovanni Botero Beneze: terza parte nella quale si descrive qual sia lo stato della religion christiana per il mondo, aggiogendosi in che termine sia il giudaismo, il gentilismo, il mahometismo e tante altre sette d'impietà per l'universo all.ill.mo e ver.mo sig. il sig. Cardinale Borromeo*. Brescia, Itália: Compagnia Bresciana.
- Botero, G. (1596). *Delle relationi universali di Giovanni Botero Benese: quarta parte nella quale si dà notitia dello stato in che si trova la religione nel Mondo nuovo e della meravigliosa riduzione di quei popoli nel grembo della Chiesa Christiana*. Brescia, Itália: Compagnia bresciana.



- Botero, G. (1895). *Relazioni universali: quinta parte*. Em C. Gioda (Org.) *La vita e le opere di Giovanni Botero* (Vol. III, pp. 36-319). Milano: Hoepli. (Originais do século XVII).
- Buzzi, F. (2000). *Il Collegio dei Dottori dell'Ambrosiana: storia dell'Ambrosiana* (Vol. 1). Milano: Cariplo.
- Cambi, F. (2012). Il viaggio come esperienza di formazione: tra diacronia e sincronia. *Studi sulla Formazione*, 14(2), 149-171. Recuperado em 4 de junho, 2015, de www.fupress.net/index.php/sf/article/view/11112
- Carli, G. R. (1785). *Delle lettere americane*. Em G. Carli. *Delle opere del signor Commendatore don Gianrinaldo conte Carli Presidente emerito del Supremo Consiglio di Pubblica Economia e del Regio Ducal Magistrato Camerale di Milano* (Tomo XI). Milano: Imperial Ministero di s. Ambrogio maggiore.
- Carli, G. R. (1872). *Delle lettere americane parte I*. Milano: Ziliotto. (Original publicado em 1785).
- Carli, G. R. (1958). *Lettere Americane*. Em: F. Venturi (Org.). *La letteratura italiana: storia e testi, illuministi italiani* (Vol. 3, pp. 464-478). Milano/Napoli, Itália: Ricciardi. (Original publicado em 1785).
- Carli, G. R. (1958). *Uomo libero*. Em: F. Venturi (Org.). *La letteratura italiana: storia e testi, illuministi italiani* (Vol. 3, pp. 419-439). Milano/Napoli, Itália: Ricciardi. (Original publicado em 1779).
- Clerici, A. (s. d.). *Dell'erba usata dagli indiani del Paraguay e Tucuman*. Milano: Biblioteca Ambrosiana. (Manuscrito R. 106, Sup. [f. 333r-334r-f. 335r]).
- Clerici, A. (s. d.). *Iudicium de symptomatibus consequentibus ad assumptionem herbae cuiusdam que Indi Tucumani et Paraguainenses utuntur*. Milano: Biblioteca Ambrosiana. (Manuscrito R. 106. Sup. [ff 336r-338v]).
- Colombo, E.& Massimi, M. (2014). *In viaggio*. Milano: Il sole 24 ore.
- Continisio. C. (1999.) *Il governo delle passioni: prudenza, giustizia e carità nel pensiero politico di Lodovico Antonio Muratori*. Firenze, Itália: Olschki.
- De Pauw, C. (1768-69). *Recherches philosophiques sur lês américains, ou mémoires intéressans pous servir à l'histoire de la espèce humaine*. Berlin: Decker&Söhne.
- De Pauw, C. (1790). *Americologia ossia osservazioni storiche e fisiologiche sopra gli Americani, a cura di um ignoto*. Genova, Itália: A. Fonticelli.
- Fiens, T. (1608). *De viribus imaginationis*. Lovaina, Bélgica: Rivi.



- Garnier, M. (Org.). (1787-1789). *Voyages imaginaires, songes, visions et romans cabalistiques*. Paris: Autor.
- Gazzettiere americano contenente un distinto ragguaglio di tutte le parti del Nuovo Mondo*. (1763). Livorno, Itália: Marco Cortellini.
- Gerbi, A. (1996). *O novo mundo: historia de uma polemica 1750-1900* (B. Joffily, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1955).
- Gibert, B. (2004) *La réthorique ou les règles de l'éloquence* (S. B. Messaoud, Org.). Paris: Champion. (Original publicado em 1719).
- Giuliani, M. (2004). Lo "spirituale ammaestramento" di Federico Borromeo alla città di Milano: la questione antropologica. *Memorandum*, 6, 89-113. Recuperado em 4 de junho, 2015, de www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/giuliani01.htm
- Hartog, F. (2003). *Régimes d'Historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil.
- Maffei, G. P. (1589). *Le Historie delle Indie Orientali tradotte di Latino in Lingua Toscana da Francesco Serdonati con una Scelta di Lettere scritte dalle Indie, tra le quali ve ne sono molte non più stampate, tradotte dal medesimo*. Venezia, Itália: Zenaro.
- Manzoni, A. (1905). *I promessi sposi*. Milano. Hoepli. (Original publicado em 1827).
- Margarido, A. (1984). La vision de l'outré (africain et indiens de amerique) dans la renaissance portugaise: l'Humanisme portugaise. Em *Actes du XXIe Colloque International d'Etudes Humanistes* (pp. 505-555). Paris: Fondation C. Gulbenkian.
- Massimi, M. (2011) . Influências del modelo esemplare di santità di Carlo Borromeo nella cultura e nella società brasileira. Em M. L. Frosio & D. Zardin (Org.s). *Carlo Borromeo e il cattolicesimo dell'età moderna* (pp. 323-354). Roma: Bulzoni.
- Massimi, M. (2014). Narrativas autobiográficas nas cartas de jovens jesuítas do século XVII ao século XX. *Mnemosine*, 10(1), 23-43.
- Massimi, M. & Prudente, A. P. (2002). *Um incendiado desejo das Índias*. São Paulo: Loyola.
- Mazzoleni, G. (1986). *Il pianeta culturale*. Roma: Bulzoni.
- Mello e Souza, L. (1993). *Inferno Atlântico: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Muratori, L. A. (1745). *La forza della fantasia humana*. Veneza: Pasquali.
- Muratori, L. A. (1985). *Il cristianesimo felice nelle misisoni dei padri della Compagnia di Gesù nel Paraguay*. Palermo: Sellerio. (Original publicado em 1743-1749).



- Muratori, L. A. (1950) *Scritti autobiografici* (T. Sorbelli, Org.). Milano: Fabbri. (Originals do século XVIII).
- Pacheco, P. R. A. & Massimi, M. (2005). O conhecimento de si nas *Litterae Indipetae*. *Estudos em psicologia [online]*, 10(3), 345-354. Recuperado em 4 de junho, 2015, de www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2005000300002&script=sci_abstract&tlng=pt
- Paleotti, G. (1582). *Discorso intorno alle immagini sacre e profane*. Bologna, Itália: Benacci.
- Prodi, P. (1971). Borromeo, Federico. Em *Dizionario Biografico degli Italiani* (Vol. 13). Roma: Treccani. Recuperado em 2 de junho, 2015, de www.treccani.it/enciclopedia/federico-borromeo_%28Dizionario-Biografico%29/
- Raynal, G. T. F. (1770). *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* (4 vol.s). Amsterdam: van Harrevelt.
- Raynal, G. T. F. (1778). *Storia dell'America settentrionale* (R. Pupares, Trad.). Venezia, Itália: Antonio Zatta.
- Souza, L. V. & Massimi, M. (2002). Il desiderio dell'oltremare nelle *litterae Indipetae*: le condizioni psicologiche per l'azione nella narrativa di giovani gesuiti del sedicesimo secolo. *Memorandum*, 3, 55-71. Recuperado em 02 de junho, 2015, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos03/souza01.htm
- Stancati, C. (2006). La parola e l'immagine: linguistica e retorica tra XVII e XVIII secolo. *Bollettino filosofico*, 12, 113-124.
- Tacchi Venturi, P. (1901). *Corrispondenza inedita di Lodovico Antonio Muratori com i Padri Contucci, Lagomarsini e Orosz della Compagnia di Gesù*. Roma: Forzani - Tipografia del Senato.
- Todorov, Z. (1983). *A conquista de America: a questão do outro* (B. Perrone, Trad.). São Paulo: Martim Fontes. (Original publicado em 1982).
- Tomás de Aquino (2001). *Suma teológica* (9 Vol.s). (C. P. Oliveira, Trad. e Org.). São Paulo: Loyola. (Original de 1265-73).
- Trampus, A. (1991). Nuovi orientamenti metodologici e prospettive storiografiche nella ricerca sulla vita e opera di Gianrinaldo Carli. *Archeografo triestino*, 4, 275-295.
- Vega, G. (1965). *Comentarios reales de los Incas* (Vol. 1). (A. Rosenblat, Org.). Buenos Aires: Emecé. (Original publicado em 1609).
- Venturi, F. (Org.). (1958). *La letteratura italiana: storia e testi, illuministi italiani*. Milano/Napoli, Itália: Ricciardi.
- Vidal, F. (2010). *The sciences of the soul: the early modern origins of psychology*. Chicago: Chicago University.



Vidal-Naquet, P. (2008); *Atlântida: pequena história de um mito platônico* (L. A. Watanabe, Trad.). São Paulo: Edunesp. (Original publicado em 2005).

Nota sobre autora

Marina Massimi é pesquisadora na área história da psicologia e dos saberes psicológicos. Pesquisadora bolsista de Produtividade CNPq nível 1-A. Docente Titular junto ao Departamento de Psicologia. FFCLRP. Av. Bandeirantes, 3900. Monte Alegre. 14040-901 Ribeirão Preto (SP). E-mail: mmassimi3@yahoo.com

Data de recebimento: 10/06/2015

Data de aceite: 15/06/2017